

Mercado da China¹

Oportunidades para o agronegócio brasileiro

Ali Aldersi Saab²
Ricardo de Almeida Paula³

Introdução

O tamanho e a velocidade de crescimento do mercado chinês constituem marco a partir do qual o mundo, em especial o Brasil, devem incrementar suas exportações de commodities agrícolas e de produtos processados.

Esse fato por si só justifica a elaboração de trabalhos e estudos que visem a conhecer melhor a realidade econômica e social chinesa e a identificar oportunidades de mercado para o agronegócio brasileiro.

A partir dessas evidências é que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) houve por bem realizar este estudo objetivando:

- Subsídios para políticas públicas.
- Oferecer ao setor produtivo brasileiro subsídios à tomada de decisão do empresariado para orientar, planejar e executar suas atividade que resultem em exportações para aquele país, antecipando-se estrategicamente para aproveitar essas oportunidades desde seu nascedouro.

O problema ou a linha-mestra que direcionou a formulação e a implementação desse trabalho foi precisamente a necessidade de se construir cenários e tendências para balizar e orientar a organização do processo produtivo, em razão da existência de lacunas de tempo entre a decisão

de participar nesse mercado, o investimento necessário, o fechamento de negócios e a efetiva conquista de *market share* no mercado chinês, pela agroindústria brasileira.

Portanto, os objetivos deste estudo são fornecer elementos gerais necessários à tomada de decisão tempestiva e orientada pelo Setor Público e pelo agronegócio nacional, buscando ser competitivo na disputa desse mercado, garantindo a geração de renda e emprego para as unidades econômicas que congregam o agronegócio brasileiro.

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos para este trabalho, utilizaram-se métodos de pesquisa exploratória, buscando identificar fatores econômicos e sociais que induzam à criação de demanda por produtos agropecuários parcialmente atendidos por sua produção nacional que podem abrir oportunidades para o mercado internacional.

O referencial bibliográfico foi construído partindo-se de pesquisas em relatórios e revistas especializadas sobre crescimento econômico e mercados agrícolas como aqueles produzidos, entre outras, por organizações como o Fundo Monetário Internacional (FMI), além de pesquisadores circunscritos ao tema.

¹ Artigo elaborado a partir de solicitação da Assessoria de Gestão Estratégica (AGE-MAPA).

² Engenheiro-agrônomo, M.Sc. em Agronegócios e pesquisador da Embrapa. E-mail: alisaab@agricultura.gov.br

³ Economista, M.Sc. em Agronegócios – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). E-mail: depaula.r@hotmail.com

Os dados secundários, conforme concebidos por Mattar (1999)⁴, foram obtidos por meio de relatórios especializados, banco de dados estatísticos, artigos, livros, e internet. Realizaram-se ainda buscas em periódicos científicos especializados nacionais e internacionais e em relatórios de instituições multilaterais, disponíveis em bibliotecas e em sítios eletrônicos.

Assim, os diagnósticos das economias de ambos os países foram efetuados a partir de dados secundários disponíveis em instituições de pesquisa e em órgãos públicos e privados provedores de informações estatísticas relativas ao tema. Igualmente utilizaram-se trabalhos científicos produzidos por autores e pesquisadores independentes preocupados com questões econômicas dos dois países em análise.

As bases estatísticas que delinearam este trabalho foram obtidas de organizações como IBGE e Nacional Bureau of Statistics of China. Incluem-se ainda os dados extraídos de relatórios como o World Economic Outlook, produzido pelo FMI.

No que se refere às pesquisas já desenvolvidas, utilizaram-se pesquisas acadêmicas, universitárias, publicações e dados de institutos de pesquisas que trabalharam questões como os estudos sobre a urbanização e suas conseqüências no que diz respeito às mudanças nos hábitos alimentares e na renda per capita.

Portanto, de uma perspectiva técnica, trata-se de um trabalho sustentado em materiais publicados, resultando num estudo bibliográfico e documental. Entretanto, ressalta-se que os dados utilizados para caracterizarem ambas as economias analisadas neste trabalho datam de 2005, em razão de não existir bases consolidadas para os anos posteriores. Embora existam dados preliminares para 2006, preferiu-se não trabalhar com valores estimados em períodos passados.

Este estudo está organizado em dois capítulos, além dessa introdução:

- Descrição sobre a economia chinesa e brasileira, especificando informações como Produto Interno Bruto, renda per capita, exportações e importações, população e sua distribuição espacial, e hábitos de consumo.

- As perspectivas para o agronegócio brasileiro, indicando os mercados agrícolas mais promissores para o empresariado nacional.

Brasil e China – Caracterização socioeconômica

Produto Interno Bruto

Nos últimos anos, o PIB da China apresentou crescimento vigoroso e aparentemente sustentado. Dados publicados pelo FMI mostram que de 1994 a 2005, a taxa anual de crescimento (exponencial) do PIB desse país foi de 8,93 %, alcançando 7.898 trilhões de yuan (preços de 2000). Nesse mesmo período, o PIB brasileiro elevou-se de 826 bilhões de reais para 1.172 bilhões de reais (preços de 2000), ou seja, cresceu à taxa de 2,27 % a.a.

A Fig. 1 mostra o comportamento do PIB dos dois países, inclusive o intenso processo de industrialização pelo qual tem passado a China, fato comprovado pelos dados apresentados posteriormente sobre os movimentos migratórios e a setorialização do produto.

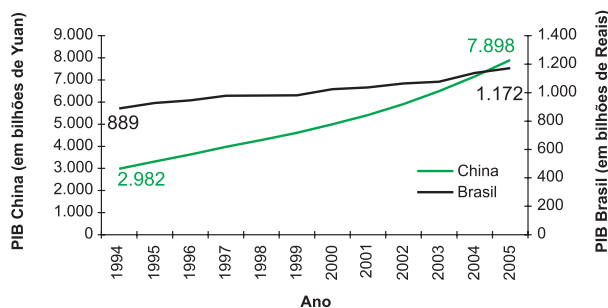


Fig. 1. Evolução do PIB da China e do Brasil (em bilhões de yuan e reais a preços de 2000).

Fonte: World Economic Outlook (INTERNATIONAL MONETARY FOUNUD, 2007).

⁴ Este autor classificou os dados em três grandes grupos: dados primários e dados secundários. Definiu como dados secundários "aqueles que já foram coletados, tabulados, ordenados e, às vezes, até analisados com propósitos outros ao de atender as necessidades da pesquisa em andamento e que estão catalogados à disposição dos interessados. As fontes básicas de dados secundários são: a própria empresa, publicações, governos, instituições não governamentais" (MATTAR, 1999, p. 134).

Em relação à composição setorial da renda chinesa, desde 1994, a indústria foi o principal gerador de riquezas do país, elevando sua participação no intervalo de tempo analisado de 46,6 % do PIB em 1994, para 47,5 % em 2005.

Por sua vez, o setor secundário no Brasil, no mesmo período, teve sua participação no PIB reduzida de 40 % para 30,3 %. Esses dados contribuem para explicar as possíveis diferenças de crescimento entre os dois países. Enquanto a China expandiu seu PIB a uma taxa de 8,93 % a.a, o produto brasileiro cresceu 2,27% a.a, de 1994 a 2005.

A participação do setor primário chinês, cuja composição se dá majoritariamente de commodities, reduziu praticamente na mesma proporção em que se elevou a participação do setor terciário: a agricultura que em 1994 era responsável pela geração de 19,6 % das riquezas da China, em 2005 contribuiu com apenas 12,6 % do PIB. No Brasil, observou-se o mesmo comportamento: no mesmo período, o setor primário reduziu-se de 9,9 % para 5,6 % de participação no PIB. É interessante notar que enquanto no Brasil a agricultura participa com 5,6 % da renda, na China o setor agrícola participa com 12,6 % e com tendência de queda nessa participação, abrindo espaço para um aumento do consumo de produtos alimentícios processados em razão das possíveis mudanças ou alterações na migração da sua mão-de-obra entre os setores.

Quanto ao setor terciário ou de serviços, sua participação na China elevou-se de 33,8 % em 1994 para 39,9 % do produto em 2005, tendo atingido o valor de 41,7 % em 2001. No Brasil, o setor terciário variou sua participação de 50,1 % em 1994 para 64 % em 2005, apresentando uma variação que chegou a 67,1 % em 2001, cuja responsabilidade se deve às políticas monetárias adotadas no período (IBGE, 2007).

Os dados elucidados trazem algumas pistas sobre o modelo de sociedade na qual está se transformando a China: economia consumidora de produtos industrializados. E essa constatação não se aplica apenas aos produtos tipicamente industriais como os bens de consumo duráveis e semiduráveis: aplica-se também ao consumo de

produtos alimentícios, os quais ao serem processados são considerados produtos do setor secundário. As Fig. 2 e 3 ilustram as análises precedentes.

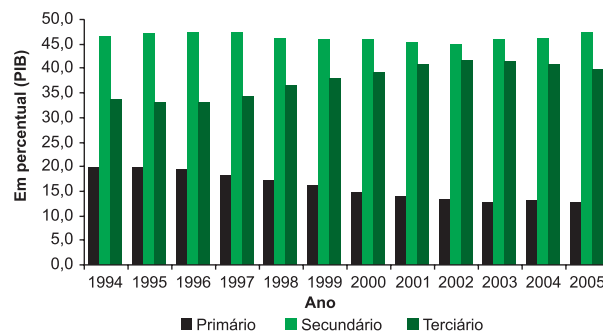


Fig. 2. China: composição setorial do PIB.
Fonte: Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

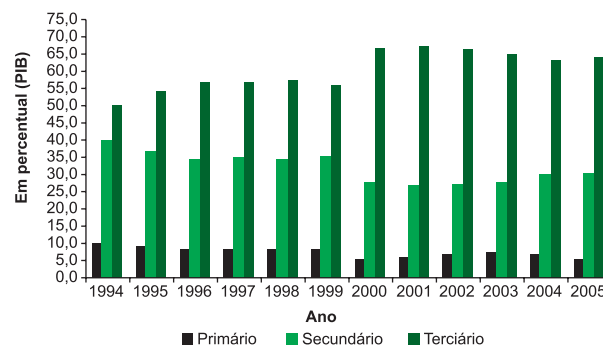


Fig. 3. Brasil: composição setorial do PIB.
Fonte: IBGE (2007).

Renda per capita

A renda per capita chinesa seguiu a mesma trajetória de crescimento: cresceu de 2.488,36 yuan em 1994 para 6040,83 yuan em 2005, crescendo a uma taxa anual média de 8,08% a.a. No mesmo período, no Brasil, a renda per capita cresceu de R\$ 5.686,19 para R\$ 6.365,11, com uma taxa de crescimento de 0,76 % a.a. A Tabela 1 e a Fig. 4 ilustram essas informações:

Tabela 1. China e Brasil: renda per capita em moedas nacionais (preços de 2000).

Ano	China	Brasil
1994	2.488,36	5.686,19
1995	2.730,63	5.835,01
1996	2.972,58	5.870,01
1997	3.216,52	5.977,09
1998	3.435,86	5.890,30
1999	3.666,86	5.817,68
2000	3.944,86	5.978,82
2001	4.242,69	5.968,71
2002	4.599,01	6.038,13
2003	5.028,61	6.018,98
2004	5.504,09	6.271,51
2005	6.040,83	6.365,11

Fonte: World Economic Outlook (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 2007).

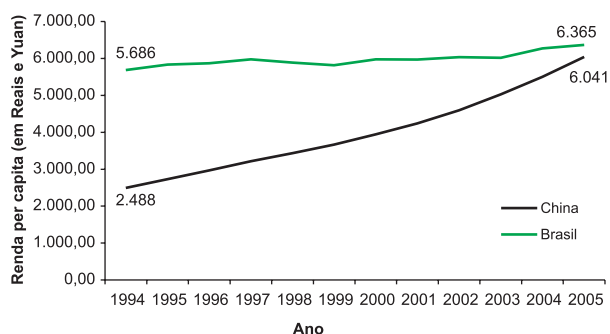


Fig. 4. China e Brasil: evolução da renda per capita.

Fonte: World Economic Outlook (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 2007).

Embora a renda per capita chinesa apresente elevadas taxas de crescimento quando comparadas àquelas verificadas em outros países, seu valor ainda permanece baixo quando observadas em um contexto mundial.

Como se constata na Tabela 2, a renda per capita chinesa é menor do que aquelas encontradas em

outros países em desenvolvimento como Argentina, África do Sul, Brasil, México e Rússia.

Entretanto, comparada a outros países com elevada densidade populacional, como Índia e Nigéria, sua renda per capita se apresenta elevada, considerado-se seu histórico no qual se observa que entre 1994 e 1995, ela se encontrava em níveis semelhantes aos apresentados atualmente por esses dois países, chegando a quase quadruplicar sua renda em 11 anos.

Exportações e importações

Em relação às transações comerciais com o mercado internacional, fica evidenciada a abertura que a China promoveu, nos últimos anos, principalmente a partir da segunda metade da década de 1990. De 1994 a 2005, as exportações chinesas cresceram a uma taxa média de 16,79 % a.a., saindo de US\$ 121 bilhões, atingindo o expressivo patamar de 761 bilhões de dólares.

Ao mesmo tempo, suas importações aumentaram em 17,2 % alcançando em 2005 o montante de US\$ 659 bilhões, enquanto suas compras internacionais eram de US\$ 116 bilhões em 1994.

Em pouco mais de 1 década, mais que quintuplicou suas exportações cuja base de produção está concentrada nos produtos manufaturados, apoiados em tecnologias de mão-de-obra intensiva, e a conseqüência é um saldo comercial de US\$ 384 bilhões só no período analisado.

No mesmo período, a balança comercial brasileira apresentou comportamento diferente. As exportações que em 1994 eram de US\$ 44 bilhões cresceram à taxa anual de 7,88 % e chegando em 2005 a US\$ 118 bilhões.

Tabela 2. Países em desenvolvimento: renda per capita em dólares americano.

Ano	África do Sul	Argentina	Brasil	China	Índia	México	Nigéria	Rússia
1994	3.382,24	7.493,95	3.814,87	466,61	350,91	4.698,98	176,79	1859,91
2000	2.986,45	7.726,32	3.761,58	945,60	454,51	5.928,50	167,22	1767,88
2005	5.159,79	4.704,30	4.788,92	1.715,94	712,39	7.446,86	270,92	5323,19

Fonte: World Economic Outlook (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 2007).

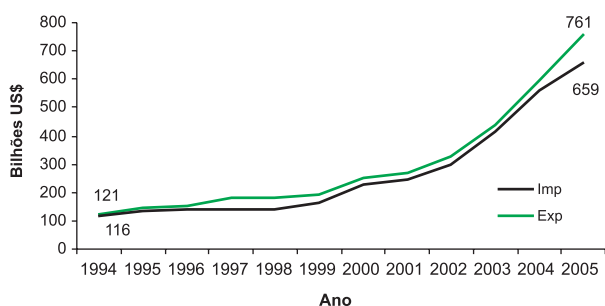


Fig. 5. China: exportações e importações.

Fonte: Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

Embora a análise entre os dois valores extremos apresente um cenário evolutivo, cabe ressaltar que em 1998 e 1999 as exportações tiveram crescimento negativo, em virtude das políticas cambiais adotadas na época. As importações, ao contrário, em 1994 eram de US\$ 33 bilhões, cresceram à taxa de 3,15 % a.a. e em 2005 representavam US\$ 74 bilhões.

As políticas brasileiras de comércio exterior adotadas no período tiveram conseqüências diretas no saldo comercial do balanço de pagamentos, que entre 1995 e 2000 foram negativas e apresentaram déficit comercial de US\$ 25 bilhões. A Fig. 6 resume o comportamento da Balança Comercial Brasileira de 1994 a 2005 que soma saldo positivo de US\$ 104 bilhões.

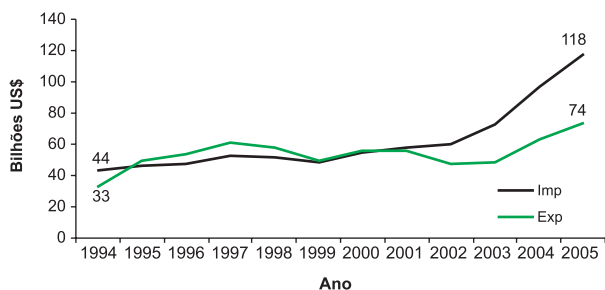


Fig. 6. Brasil: exportações e importações.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (BRASIL, 2007)

População e hábitos de consumo – Tendências

Em 2005, a população total da China atingiu 1.307.560 mil habitantes. Embora a extensão absoluta da população chinesa seja a mais elevada

do globo, chama a atenção o movimento espacial (urbano versus rural) de sua composição.

A Fig. 7 ilustra esse movimento populacional, no qual é perceptível que a concentração nas grandes cidades cresceu a taxas significativas, embora a maioria da população ainda continue no campo.

Em 2005, cerca de 43 % da população residia nos centros urbanos enquanto em 1985 essa relação era de 24 %. Por sua vez, o campo que abrigava 76 % da população chinesa sofreu um considerável esvaziamento e em 2005 possuía 57 % da população.

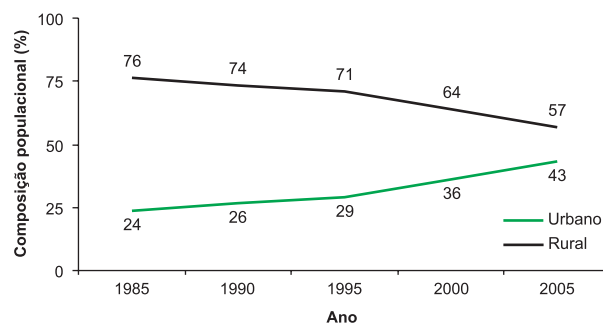


Fig. 7. Composição populacional (em %).

Fonte: Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

A tendência desse processo migratório é irreversível. Na Fig. 8, visualiza-se a tendência para o futuro comportamento da composição espacial na sociedade chinesa apontada pela ONU (2007). Esse cenário poderá trazer problemas sociais relativos aos processos de rápida urbanização como alterações nos hábitos alimentares, déficit habitacional e de transportes coletivos, desemprego e violência urbana.

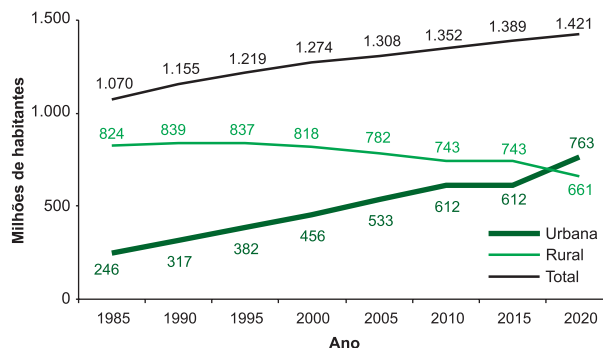


Fig. 8. China: tendências populacionais: urbana e rural.

Fonte: ONU (2007).

A força-motriz desse processo de urbanização é decorrente da rápida industrialização pela qual passa a China e do diferencial de renda entre os habitantes desses distintos espaços que, embora tenha mantido sua relação ao longo dos anos, apresenta grande diferença de renda em termos absolutos. A Tabela 3 ilustra essa situação.

Tabela 3. Renda disponível urbana e rural (yuan).

Ano	Rural	Urbano
1994	1.221	3.496,2
1995	1.577,7	4.283
1996	1.926,1	4.838,9
1997	2.090,1	5.160,3
1998	2.162	5.425,1
1999	2.210,34	5.854
2000	2.253,42	6.628
2001	2.366,4	6.859,58
2002	2.475,63	7.703
2003	2.622,2	8.472,2
2004	2.936,4	9.421
2005	3.255	10.493

Fonte: Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

Ao observar o comportamento da renda direcionada para o consumo de alimentos verifica-se a tendência prevista na teoria econômica sobre a elasticidade/renda dos produtos agrícolas: em 1985, 46,65 % da renda líquida dos chineses era direcionada para o consumo de alimentos, enquanto em 2005 essa relação caiu para aproximadamente 29,65 % (Fig. 9).

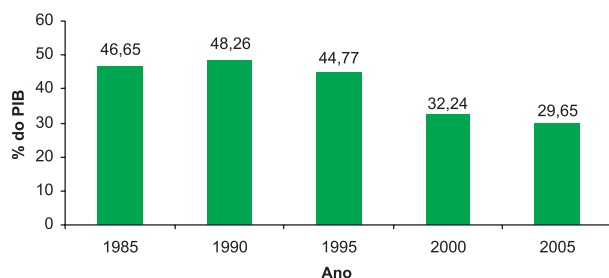


Fig. 9. China: despesas com alimentação.

Fonte: Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

Uma análise desses dados pode indicar uma alteração do padrão de consumo dos chineses (Fig. 10), principalmente em virtude da composição da sociedade, a qual vem se tornando cada vez mais urbana.

Esse padrão de sociedade reflete mudanças nos tipos de alimentos consumidos em que ganham espaço produtos semipreparados e processados cuja redução percentual dos gastos com alimentação em relação ao orçamento abre a possibilidade de dispêndios com produtos com maior valor agregado.

Cabe ressaltar que o percentual do orçamento rural destinado à alimentação pode ter precisão limitada em face dos valores referentes ao autoconsumo.

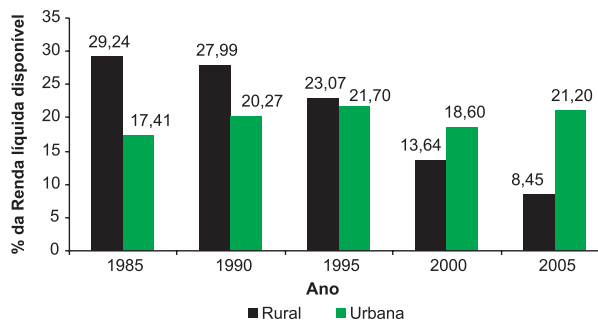


Fig. 10. China: despesas com alimentação (urbano e rural).

Fonte: Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

Quanto à distribuição do orçamento por grupos de alimentos percebe-se que, por meio da análise da Tabela 4, os grãos consomem 21,4 % das despesas alimentares, seguidos de carnes suínas (16,8 %), vegetais (16 %) e frutas (9,2 %).

Tabela 4. Orçamento alimentar: China (1993–1996).

Grupos de alimentos	Participação na despesa alimentar
Grãos	0,214
Suínos	0,168
Vegetais	0,160
Frutas	0,092
Produtos aquáticos	0,086
Aves	0,062
Ovos	0,060
Óleos vegetais	0,058
Vinho	0,042
Outras carnes	0,031
Leite e derivados	0,019
Açúcar	0,008

Fonte: Chern e Liu (2005).

Contudo, utilizando-se de dados de 2005, da tabela a seguir, essa distribuição tenderá a mudar, visto as variações causadas pela elevação da renda e pela urbanização pela qual vem passando a China. A Tabela 5 ilustra as mudanças já ocorridas, principalmente relativas ao consumo de grãos, óleos, carnes suínas e avícolas e vegetais no perímetro urbano.

Partindo do caso dos grãos, a Tabela 4 mostra que esse grupo alimentar consumiu 21,4 % (1993-1996) do orçamento alimentar. Entretanto, observando a Tabela 5, o consumo urbano de grãos que em 1985 era de 134,76 kg por pessoa, sofreu uma redução de 42,869 % até 2005, chegando a 77 kg. Da mesma forma, o consumo de açúcar apresentou queda constante entre 1985 e 2000, chegando à redução de 32,5 % nesse período.

Por sua vez, carnes e óleos vegetais apresentaram variações positivas em seu padrão de consumo. O consumo de carne de frango que em 1985 foi de 3,24 kg por habitante se elevou para 8,97 kg em 2005, o que representa um incremento de 176 %. No mesmo sentido se comportou o consumo de carne suína: 16,68 kg per capita em 1985 elevando-se para 20,15 kg em 2005 - crescimento de 20,8 %.

Outro produto cujo consumo se elevou significativamente foram os óleos vegetais comestíveis. Em 1985, sua demanda foi de 5,3 kg por pessoa, crescendo 74,5 % no período observado, alcançando 9,25 kg, em 2005.

Por fim, o consumo de vegetais apresentou comportamento variado. De 1985 a 1995, sua tendência foi de queda: reduziu-se de 144,36 kg para 116,47 kg por habitante. Já de 1995 a 2005, seu consumo manteve praticamente inalterado, significando um consumo de 118,6 kg per capita.

A Tabela 6 mostra a variação no consumo total das principais culturas alimentares nos centros urbanos. O consumo de carnes, aves e suínos apresentaram expressivo crescimento. Em 1985, a demanda por carne de frango que era de 0,8 milhão de toneladas, variou 530 % e em 2005 atingiu 5,4 milhões de toneladas.

Seguindo o mesmo comportamento, embora um pouco menos expressivo, em 1985, o consumo de carne suína representava cerca de 4,2 milhões de toneladas; cresceu 169 % e em 2005 atingiu 11,32 milhões de toneladas.

Quanto aos grãos, embora havendo queda no consumo per capita (Tabela 5), o consumo urba-

Tabela 5. Consumo urbano per capita (kg).

Ano	Aves	Suínos	Grãos	Óleos vegetais comestíveis	Açúcar	Frutas e melões	Vegetais
1985	3,24	16,68	134,76	5,76	2,52	-	144,36
1990	3,42	18,46	130,72	6,4	2,14	41,11	138,7
1995	3,97	17,24	97	7,11	1,68	44,96	116,47
2000	5,44	16,73	82,31	8,16	1,7	58,05	114,74
2005	8,97	20,15	77,00	9,25	-	56,69	118,6

Fonte: Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

Tabela 6. Consumo urbano total (milhões toneladas).

Ano	Aves	Suínos	Grãos	Óleos vegetais comestíveis	Açúcar	Frutas e melões	Vegetais
1985	0,8	4,2	33,8	1,4	0,63	-	36,2
1990	1,0	5,6	39,5	1,9	0,64	12,4	41,9
1995	1,5	6,1	34,1	2,5	0,59	15,8	40,9
2000	2,5	7,7	37,7	3,7	0,78	26,6	52,7
2005	5,04	11,32	43,28	5,20	-	31,81	66,67

Fonte: Construído a partir de Nacional Bureau of Statistics of China, abril 2007.

no total elevou-se em 28 % entre 1985 e 2005, indo de 33,8 para 43,28 milhões de toneladas.

Por sua vez, o consumo total de óleos comestíveis vegetais teve um elevado crescimento per capita e total. Apresentando variação de 271 % entre 1985 e 2005, seu consumo cresceu de 1,4 milhão de toneladas para 5,20 milhões toneladas.

O consumo de açúcar apresentou pequena elevação, considerando o período de análise de 15 anos. Em 1985, seu consumo total saiu de 680 mil toneladas para 780 mil toneladas em 2000.

Por fim, no que se relaciona ao consumo total urbano, a demanda de frutas e vegetais apresentou comportamento expressivo. Frutas que, em 1990, teve um consumo situado na ordem de 12,4 milhões de toneladas em 1990, cresceu 156,5 % até 2005, alcançando o montante de 31,81 milhões de toneladas.

A mesma trajetória ascendente desempenhou o consumo de vegetais. Em 1985, sua demanda foi de 36,2 milhões de toneladas, ao passo que, apresentando crescimento de 84 %, atingiu um volume de consumo da ordem de 66,67 milhões de toneladas em 2005.

Paralelamente, ao analisar o consumo rural observa-se na Tabela 7 que o consumo de grãos reduziu-se em 18,91 % entre 1985 e 2005, sendo menor que aquela ocorrida no setor urbano (42,86 %). Nesse cenário, o meio rural se configura como um mercado expressivo, visto que seu consumo per capita é relativamente elevado, aproximadamente três vezes o consumo urbano. No que tange ao consumo per capita de açúcar no meio rural, sua tendência é a mesma apresentada pelo setor urbano: queda de 22,6 % entre 1985 e 2005.

Tabela 7. Consumo rural per capita (kg).

Ano	Aves	Bovinos, ovinos e suínos	Grãos	Óleos vegetais comestíveis	Açúcar	Frutas	Vegetais
1985	1,03	10,97	257,5	4,04	1,46	3,4	131,13
1990	1,26	11,34	262,1	5,17	1,5	5,89	134,99
1995	1,83	11,29	258,9	5,8	1,28	13,01	104,62
2000	2,81	14,41	250,2	7,06	1,28	18,31	111,98
2005	3,67	17,09	208,8	6,01	1,13	17,18	102,3

Fonte: Construído a partir de Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

Quanto às carnes, o consumo de frango elevou-se expressivamente durante o período analisado: de 1,03 kg para 3,67 kg per capita, ou seja, um crescimento de 256 %. Na mesma direção se deu o consumo de outras carnes em geral (suínos, bovinos e ovinos): seu consumo em 1985, era de 10,97 kg per capita e, em 2005, elevou-se para 17,09 kg, apresentando um acréscimo de 55 %.

O consumo de óleos vegetais comestíveis também se mostrou com tendências de elevação. Seu consumo cresceu 48,76 % no período observado, elevando-se de 4,04 kg por pessoa em 1985 para 6,1 kg por pessoa em 2005.

Por fim, o consumo de frutas foi um dos que apresentou comportamento que mais chama a atenção. Em 1985, seu consumo foi da ordem de 3,4 kg para cada habitante e em 2005 essa quantidade saltou para 17,18 kg, indicando um mercado promissor.

Os dados acima apresentados evidenciam o comportamento individual do consumidor chinês no campo. Contudo, considerando-se que a população total da China vem se elevando significativamente a cada ano, é necessário observar o consumo total desses alimentos (Tabela 8).

Cenários das importações chinesas

De acordo com Cheng (2005), as culturas dispostas nas Fig. 11 e 12 mostram os principais produtos alimentares que deverão apresentar déficits de oferta no mercado chinês, sendo necessário seu suprimento por meio de importações.

A Fig. 11 chama a atenção para o aumento do déficit na auto-suficiência alimentar, em que

Tabela 8. Consumo rural total (milhões em toneladas).

Ano	Aves	Bovinos, ovinos e suínos	Grãos	Óleos vegetais comestíveis	Açúcar	Frutas	Vegetais
1985	0,83	8,86	207,91	3,26	1,18	2,75	105,90
1990	1,06	9,54	220,52	4,35	1,26	4,96	113,58
1995	1,57	9,70	222,53	4,98	1,10	11,18	89,92
2000	2,27	11,65	202,28	5,71	1,03	14,80	90,52
2005	2,73	12,74	155,64	4,48	0,84	12,81	76,25

Fonte: Construído a partir de Nacional Bureau of Statistics of China (2007).

26 % do consumo de milho terá que ser suprido via importação, e 79,4 % do consumo de soja também terá que ser adquirido no mercado internacional.

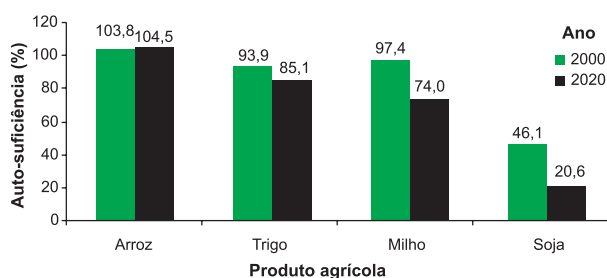


Fig. 11. Auto-suficiência em Produtos Agrícolas: 2000-2020 (em %).

Fonte: Cheng (2005).

A Fig. 12 mostra uma alteração do perfil da indústria agropecuária chinesa no que tange a exportações e importações. No que se refere ao milho, em 2000, a China possuía excedente de 10,48 milhões de toneladas, ao passo que em 2020 deverá importar algo entorno de 24,71 milhões de toneladas.

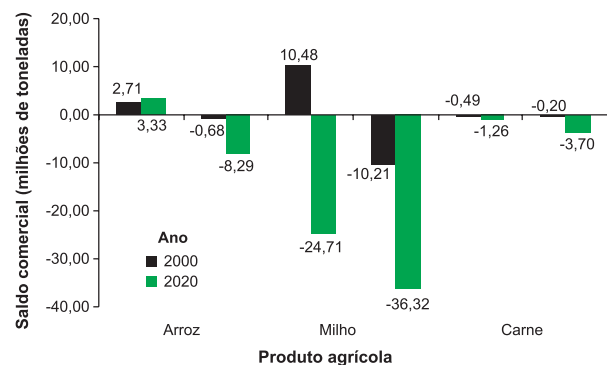


Fig. 12. Saldo comercial externo de Grãos e Rebanhos: 2010-2020 (milhões de toneladas).

Fonte: Cheng (2005).

A soja apresenta comportamento um pouco diferente do milho, sendo historicamente deficitária: as importações que foram de 10,21 milhões de toneladas em 2000, deverão se elevar para 36,32 milhões de toneladas em 2020. Carnes e leite e seus derivados seguem o mesmo comportamento evidenciado pela soja: aprofundamento do déficit relativo à produção de excedentes.

As importações de carnes que, em 2000 foram de 490 mil toneladas deverá ser elevada para 1,258 milhões de toneladas. No mesmo sentido o grupo leite e derivados representará importações de 3,7 milhões de toneladas, enquanto em 2000 significava 200 mil toneladas.

Perspectivas para o agronegócio brasileiro

A partir dos dados macroeconômicos apresentados, a crescente industrialização chinesa aliada ao seu crescimento populacional e urbano, desvendam-se para a indústria agrícola brasileira grandes oportunidades para as quais o setor deve se antecipar na sua preparação para, de forma competitiva, disputar esse mercado.

As perspectivas do agronegócio brasileiro para com o mercado Chinês poderão estar direcionadas para alguns produtos apresentados na Tabela 9.

Considerando o comportamento dos principais produtos agrícolas consumidos nos centros urbanos e no meio rural chinês, pode-se perceber que o conjunto alimentar formado pelos grãos, a despeito de ter se reduzido no meio rural, se elevou nos centros urbanos e se mostra um mercado atraente para a produção brasileira.

Tabela 9. Importações chinesas versus exportações brasileiras (em milhões de toneladas).

Grupos de alimentos	China		Brasil	
	2000	2015 ⁽¹⁾	2000	2015 ⁽¹⁾
Milho	0	13,4	5,63	3,63
Soja	10,2	30,7	15,7	46
Carne bovina	0,01	0,07	0,82	2,7
Frango	0,3	0,6	1,27	3,35
Leite e derivados ⁽²⁾	0,2	3,0	8,9	-

(1) Previsão

(2) Em milhões de litros

Fonte: Cheng (2005) e Mapa (BRASIL, 2007).

A Tabela 9 evidencia que soja e milho comporão um mercado de cerca de 44 milhões de toneladas em 2015, sendo que 75 % é composto por soja, no qual o agronegócio brasileiro está preparado para responder à essa demanda específica, tanto em grão quanto na forma de farelo e de óleo. Esse cenário é ilustrado na Fig. 13.

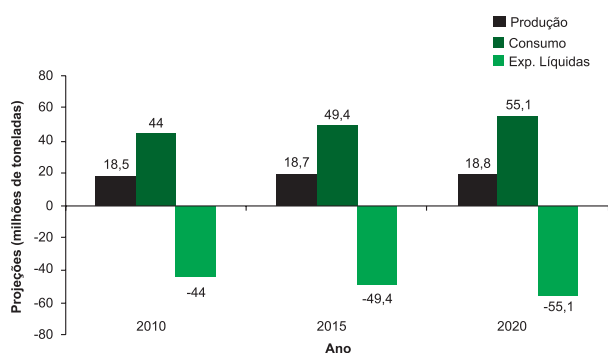


Fig. 13. Projeções de produção, consumo e exportações líquidas de soja: 2010-2020 (em milhões de toneladas).

Fonte: Cheng (2005).

No que diz respeito ao milho, apesar de o Brasil não ter tradição exportadora nesse produto, tem a infra-estrutura montada para produzir e atender a esse mercado, caso consiga se antecipar e estabelecer contratos de venda (Fig. 14). Aliam-se a essa demanda os crescentes preços internacionais desse produto devido ao redirecionamento de sua oferta para os programas de produção de etanol recentemente operacionalizados em países como os Estados Unidos.

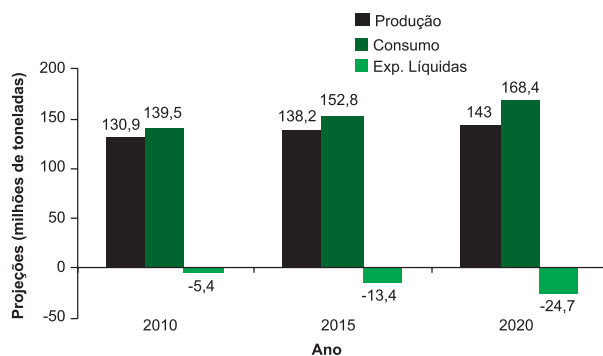


Fig. 14. Projeções de produção, consumo e exportações líquidas de milho: 2010-2020 (em milhões de toneladas).

Fonte: Cheng (2005).

Um segundo grupo de produtos que revela oportunidade para o agronegócio brasileiro é aquele composto pelas carnes. Como visualizado anteriormente, o consumo de carne suína, bovina e de frango se elevou e se constitui em oportunidade para os produtores nacionais. Excetuando a carne suína, para a qual a China possui oferta suficiente (Fig. 15), a Tabela 9 mostra como se comportarão as importações de carne bovina e de frango até 2020.

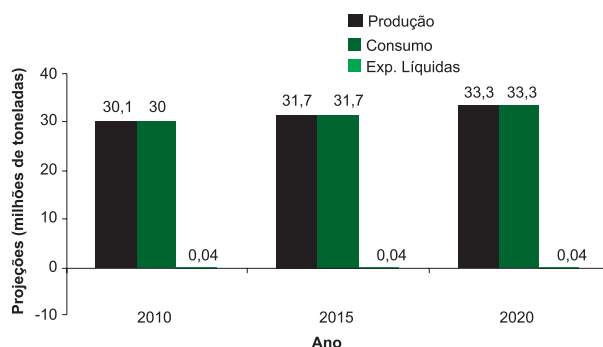


Fig. 15. Projeções de produção, consumo e exportações líquidas de suínos: 2010-2020 (em milhões de toneladas)

Fonte: Cheng (2005).

O mercado chinês deverá setuplicar sua demanda de carne bovina, elevando-a de 10 mil para 70 mil toneladas ao ano. Conforme mostrado na mesma Tabela 9, cerca de 2,7 milhões de toneladas de carne bovina produzida no Brasil deverão ser direcionadas ao mercado internacional, e des-

se montante, o mercado chinês representará uma fatia de 2,5 %. A Fig. 16 mostra a projeção de produção, consumo e importações chinesas de carne até 2020.

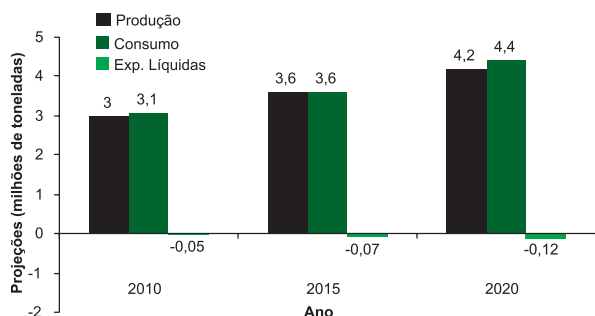


Fig. 16. Projeções de produção, consumo e exportações líquidas de bovinos: 2010-2020 (em milhões de toneladas).

Fonte: Cheng (2005).

Quanto à carne de frango, estima-se para a China importações na ordem de 1,1 milhão de toneladas em 2020, montante 266 % maior do que aquele importado em 2000, que foi de 300 mil toneladas (Fig. 17). O agronegócio nacional poderá se aproveitar dessa oportunidade, visto que a demanda chinesa significará algo em torno de 18 % das exportações brasileiras.

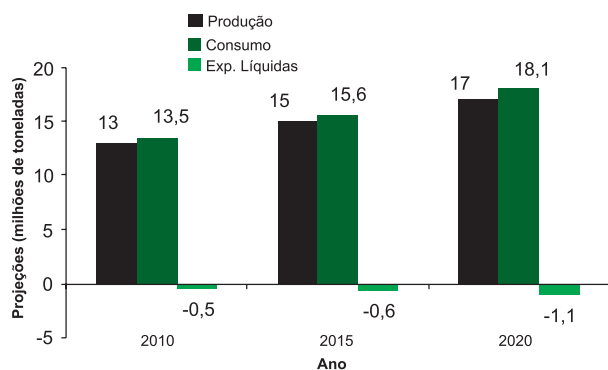


Fig. 17. Projeções de produção, consumo e exportações líquidas de aves: 2010-2020 (em milhões de toneladas).

Fonte: Cheng (2005).

Um terceiro grupo de produtos que se mostra oportuno à indústria brasileira é aquele relativo ao leite e seus derivados. Em 2000, a China importou

200 mil toneladas e em 2020 a previsão das exportações desses produtos aponta para um volume de 3 milhões de toneladas (Fig. 18).

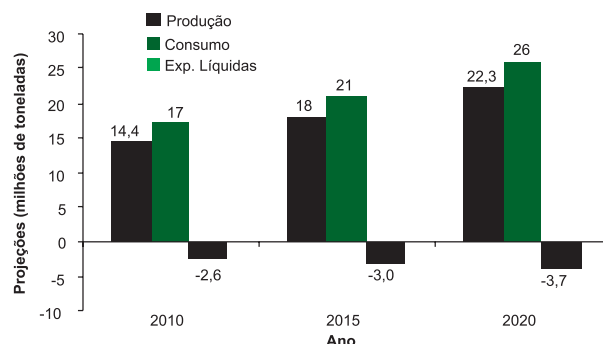


Fig. 18. Projeções de produção, consumo e exportações líquidas de leite e derivados: 2010-2020 (em milhões de toneladas).

Fonte: Cheng (2005).

Em 2000, o Brasil exportou 8,9 milhões de toneladas de leite e derivados (Tabela 9), mostrando que é um importante player nesse mercado, cujas exportações poderão se elevar em razão das alterações nos hábitos de consumo chineses e de suas limitações de produção.

Conclusão

De acordo com os dados anteriormente apresentados, pode-se concluir que os produtos mais importantes para o agronegócio brasileiro, constituintes das previsões de importações por parte da economia chinesa até 2015, são aqueles dispostos na Tabela 10.

Portanto, milho, soja, carne bovina, frango, leite e derivados formam um expressivo e importante conjunto de commodities que se mostrarão como oportunidades de mercado para o país.

Tabela 10. Importações chinesas em 2015 (milhões de toneladas).

Milho	13,4
Soja	30,7
Carne bovina	0,07
Frango	0,6
Leite e derivados	3,0

Em face da alteração de hábitos alimentares e do comportamento do consumo urbano e rural chinês, pode-se também apontar para o crescimento da demanda de produtos tais como óleo vegetal comestível, açúcar, algodão e suco de laranja. Contudo, em virtude da ausência de estimativas seguras, não se puderam sinalizar os montantes prováveis de demanda para essas commodities.

Cabe ressaltar que a maior parte dos produtos apontados possuem sistema de produção característicos dos setores que compõem o agronegócio, ou seja, oferta irregular e elevados custos de transação para negociação direta no mercado.

Essas características mostram a necessidade de os produtores organizarem sua produção por meio de contratos de venda antecipada, visto que acordos contratuais estimulam maior frequência nas relações entre demandante e produtores. A relação de mercado via contratos inibe novos competidores, facilita a previsibilidade de oferta e demanda, e promove a estabilização dos preços internacionais, dando ao agronegócio brasileiro condições de planejar sua inserção de forma mais competitiva nesse mercado em expansão.

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Projeções do agronegócio: mundial e Brasil: 2006/07 a

2016/17. 2007. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/MAPA/MENU_LATERAL/AGRICULTURA_PECUARIA/PROJECOES_AGRONEGOCIO/CENARIOS%20DO%20AGRONEGOCIO%202006-2007%20A%202016-2017%20A.PDF> Acesso em: 14 fev. 2007.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Evolução do comércio exterior. 2007. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/secex/evoexpbrafaturamento/expagregado.xls>>.

CHENG, Guoqiang. China's agriculture within the world trading system. Congress of European Farmers: Strasbourg, 2005.

CHERN, Wen S.; LIU, Kang E. Food Demand in Urban China and its Implications for Agricultural Trade. Disponível em: <http://www.china.wsu.edu/conference/pdf-2001/7_KLiu.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contas Nacionais Trimestrais. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaulttabelas.shtm>>. Acesso em: 14 fev. 2007.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. World Economic Outlook. april 2007. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2006/02/index.htm>>. Acesso em:

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing: metodologia e planejamento. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 2 v.

NACIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA. Statistical Data. 2006. Disponível em: <<http://www.stats.gov.cn/english/statisticaldata/yearlydata/>>. Acesso em: 14 fev. 2007.

ONU. Organização da Nações Unidas. World Population Prospects: the 2006 Revision and World Urbanization Prospects: the 2005 Revision. 2007. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpp>>. Acesso em: 14 fev. 2007.